

REVISTA ADVENTISTA

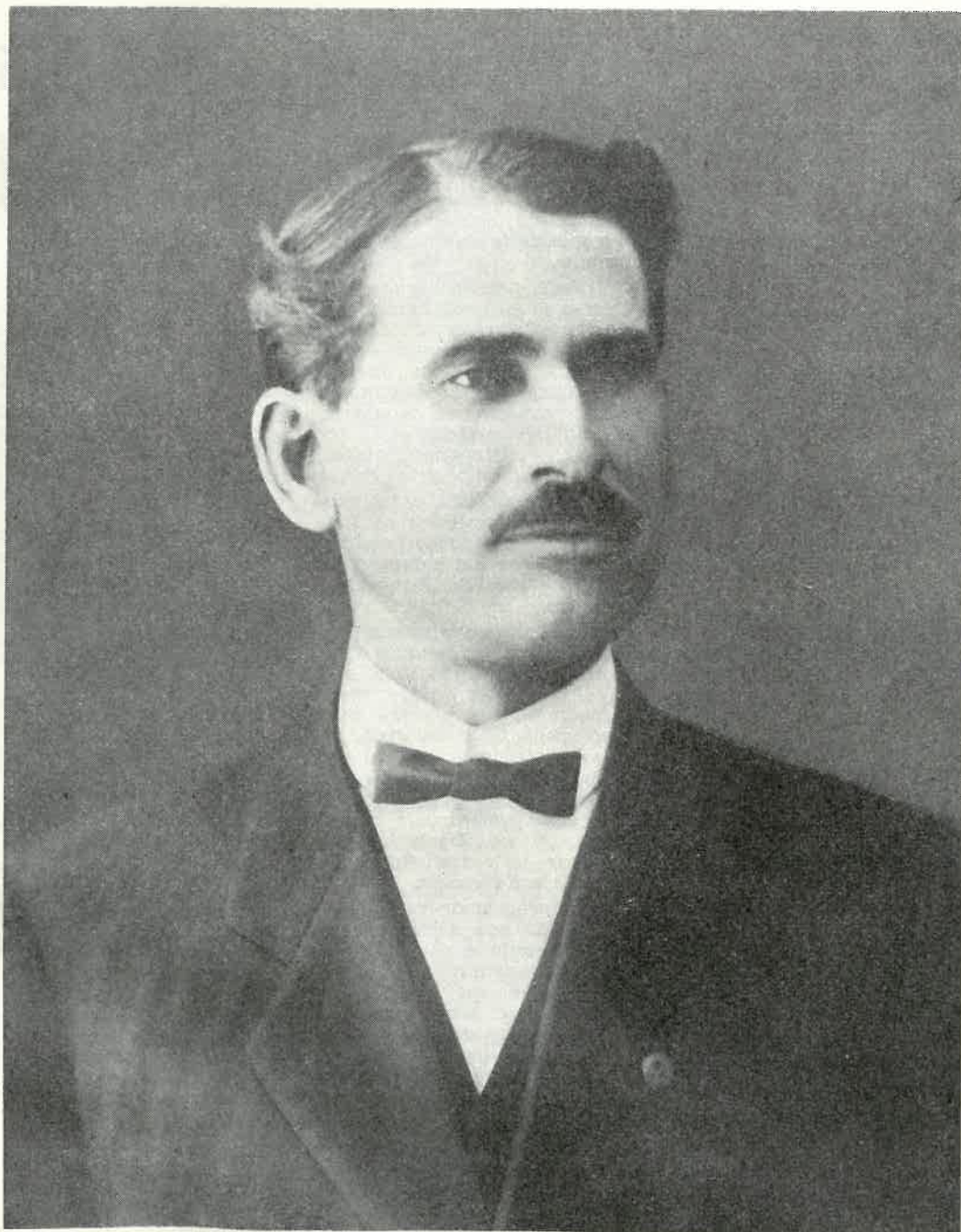
ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

O Dom das Línguas
na Igreja de Corinto

Pág. 3

No 70.º Aniversário
da Obra Adventista

Pág. 7



CLARENCE E. RENTFRO — Pioneiro da Obra Adventista em Portugal

SUMÁRIO

O Programa do Movimento Adventista
O Dom das Línguas na Igreja de Corinto
No 70.º Aniversário da Obra Adventista em Portugal
C. E. Rentfro — o Pioneiro A Igreja como Agente Educador
Enfrentando o pecado
Notícias do Campo
Breves Notícias da Divisão Euro-Africana

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

SETEMBRO DE 1974

ANO XXXV

N.º 336

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17

L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA

RIBEIRO, LOTE 18, 1.º

S A C A V É M

Composto e impresso na

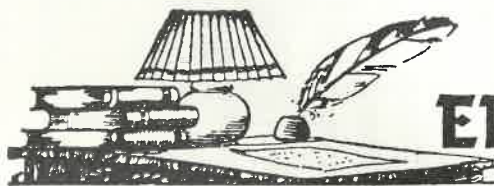
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

Programa do Movimento Adventista

Hoje fala-se muito em programas. Cada partido político apresenta o seu programa, propondo as reformas e consecuições mais oportunas no momento actual para a sociedade em que estamos integrados.

A verdade, porém, é que esses diferentes programas apenas poderão beneficiar aspectos parciais da pessoa humana — salários, horas de trabalho, melhoria nas condições de habitação, educação, assistência sanitária, protecção na invalidez e na velhice, etc. — postergando outros aspectos profundamente vitais.

Numa óptica cristã, esses programas e suas possíveis realizações constituem apenas brinquedos de crianças em comparação com o programa do Movimento Adventista.

Com efeito, os programas em causa não afectam senão a vida presente — tão incerta como efémera. O programa do Movimento Adventista, por sua vez, visa não só a plena valorização da vida presente, mas também a preparação para a vida futura. Aqueles procuram transformar o mundo sem transformar a pessoa; este procura tornar o mundo melhor pela transformação pessoal de cada crente.

Aqueles programas partem do postulado de que existe apenas a vida presente e é necessário gozá-la ao máximo; este parte do princípio de que a vida presente constitui um tempo de prova e de preparação para uma vida definitiva após a restauração que ocorrerá em relação com a segunda vinda de Cristo.

Aqueles programas prescindem inteiramente de Deus — de Deus como Criador, como Legislador, como Salvador, como Juiz, como Remunerador.

É para uma época como esta que a palavra profética anunciou o surgimento do Movimento Adventista, com o definido

programa que aparece articulado em Apocalipse 14:6-12.

Numa época em que os homens se insurgem contra a existência de Deus, e substituem a verdade da criação pela teoria da evolução, o Movimento Adventista levanta-se para defender a soberania de Deus e a Sua obra criadora, e tem «o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar e as fontes das águas.»

Numa época em que a conjunção religiosa prevalece por todo o mundo, qual nova Babilónia, preconizando um ecumenismo sem respeito pela Palavra de Deus, o Movimento Adventista luta por um regresso genuíno ao Cristianismo bíblico.

Numa época em que a Lei de Deus é conculcada, e em lugar de uma moral positiva e transcendente se propõe uma moral de origem humana — imanente ou ecológica, e em vez da obediência a Deus é proposta a obediência aos homens, o Movimento Adventista reivindica o direito divino a uma plena obediência por parte dos homens, com a guarda do Sábado como sinal distintivo dessa obediência.

A execução deste programa leva à formação de um povo, cujas características são descritas nas seguintes palavras: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.»

Hoje, mais do que nunca, o Movimento Adventista tem um programa a executar. Dedicamo-nos a tão momentosa tarefa com entusiasmo, com fé, com o melhor dos nossos talentos e energias.

E. Ferreira

O DOM DE LÍNGUAS NA IGREJA DE CORINTO

Por Jean Zurcher

Primeira parte do terceiro artigo da série iniciada em Junho sobre o Movimento Carismático.

Aqueles que aceitam que falar em línguas é uma prova positiva do baptismo do Espírito referem-se invariavelmente ao capítulo 14 da primeira epístola de Paulo aos Coríntios. No entanto, para se compreender o ponto de vista de Paulo sobre este assunto, é necessário considerar este capítulo dentro do contexto dos capítulos 12 e 13. Estes três capítulos formam um todo em que se desenvolve um encadeamento lógico de elos inseparáveis. Considerada como um compêndio, esta passagem da Escritura, não só é a mais pormenorizada explicação do dom de línguas, mas, quando seguimos as diferentes interpretações dadas às expressões chaves, é também a mais clara.

De acordo com a interpretação mais comumente aceita, esta passagem trata simplesmente do falar em línguas estrangeiras, conhecidas dos homens — o mesmo sentido que demos às passagens do livro dos Actos. Atribui o problema em Corinto ao mau uso do dom de falar em línguas estrangeiras. Em vez de usar o dom para edificar a igreja ou pregar o evangelho a outros, certos indivíduos estavam-no usando para glorificação própria, pregando sem se fazerem compreender. De tal inutilidade e infantildade saiu a desordem e a confusão denunciadas pelo apóstolo.

Esta é naturalmente a explicação mais simples, aquela que aparentemente melhor se harmoniza com o sentido dado por Lucas ao milagre do Pentecostes. No entanto, certos termos técnicos, assim como alguns pormenores, parecem indicar mais do que isso. Acima de tudo, como se pode conceber que o Espírito Santo concedesse o dom de falar em línguas estrangeiras a homens que o utilizavam mal, a ponto de prejudicar a igreja em vez de edificá-la?

A segunda interpretação, radicalmente oposta à primeira, considera as manifestações em Corinto totalmente diferentes das de Jerusalém. Na verdade, no Pentecostes os discípulos falaram nas línguas maternas dos seus ouvintes — todos os ouviram falar «na nossa própria língua em que somos

nascidos» (Actos 2 : 8). Em Corinto passava-se o contrário; ninguém compreendia a língua dos que falavam, porque falavam mistérios (I Cor. 14 : 2) [Versão Almeida, Edição Revista]. Parece que o próprio orador ignorava a substância do que dizia, visto que o seu entendimento ficava sem fruto (vers. 14). Deste raciocínio tira-se a conclusão de que tais casos eram uma questão de falar em línguas desconhecidas pelo homem, línguas que não teriam um sentido senão particular, para edificação pessoal. Então, as restrições estabelecidas por Paulo teriam sido apenas à sua utilização em público, em reuniões onde não estivessem intérpretes presentes.

Adoptada pelo movimento carismático, esta explicação goza de um crescente número de adeptos. Muitos exegetas consideram a expressão «falar em línguas» nos escritos de Paulo como significando falar numa língua extática. Além disso, algumas versões modernas da Bíblia não hesitam em traduzir esta expressão como «a linguagem do êxtase» (*New English Bible, Lettres pour notre temps*).

É evidente que havia uma diferença entre as manifestações do Pentecostes e as mencionadas em I Coríntios 14. Mas será concebível que Paulo e Lucas tivessem empregado os mesmos termos dando-lhes um sentido diferente e um ponto de vista oposto? Lucas era um companheiro muito chegado de Paulo. Por vezes serviu como seu secretário e sabemos com que maestria ele resumiu alguns dos sermões do apóstolo. Mais do que isso, Lucas encontrava-se em Éfeso na própria altura em que Paulo escreveu aos Coríntios. Também nessa altura ambos presenciaram o incidente das línguas relatado em Actos 19 : 1-7.

Quando Lucas escreveu a narrativa dos acontecimentos do Pentecostes, uns sete ou oito anos mais tarde, certamente tinha em mente o problema apresentado em I Coríntios 12 a 14. A insistência com que ele claramente definiu o sentido a dar ao dom de línguas estava provavelmente relacionada com as extravagâncias dos Coríntios e a importância que Paulo deu ao problema. Em todo o caso, é inconcebível que dois escritores tão intimamente associados como eram Paulo e Lucas, ambos escritores inspirados do Novo Testamento, se contradis-

sessem um ao outro sobre o sentido do dom do Espírito que Lucas designa como «falar noutras línguas» (Actos 2 : 4) e Paulo como «a variedade de línguas» (I Cor. 12 : 10, 30), e ambos como «falar línguas» (Actos 10 : 46; 19 : 6; I Cor. 12 : 30, etc.).

Para nós, a contradição só pode surgir de interpretações demasiado exclusivas, a primeira não querendo ver nada excepto o dom de falar em línguas estrangeiras, e a segunda unicamente o de falar numa língua extática. No fim de tudo, não procurou Paulo definir o verdadeiro dom de línguas apontando a sua falsificação tal como era praticada na igreja de Corinto? Na falta de informação incontestável, somos forçados a conjecturar, mas ousamos crer que este arrazoado contribuirá para uma melhor compreensão destes capítulos. No entanto, seja como for, é absolutamente certo que os próprios coríntios compreendiam a distinção que Paulo aqui procurou estabelecer.

Foi durante a sua segunda viagem missionária que Paulo parou em Corinto. Ficou ali 18 meses, durante os anos 51 e 52. Nessa altura fundou a igreja de Corinto (Actos 18; 19; I Cor. 3 : 4). O facto de que a maioria dos conversos coríntios provinham do paganismo explica alguns dos problemas que se levantaram pouco depois da partida de Paulo. Durante os três anos do seu ministério em Éfeso, de 54 a 57, Paulo teve conhecimento, directamente ou por carta, da existência na igreja de certas práticas e dificuldades doutrinárias que dificilmente se poderiam harmonizar com os princípios cristãos.

Enquanto estudamos os capítulos 12 a 14, devemos lembrar-nos que Paulo os escreveu para resolver um problema específico. Nos capítulos precedentes ele procura endireitar outras dificuldades a respeito do casamento, alimentos oferecidos aos ídolos, o lugar da mulher na igreja e a participação na Ceia do Senhor. De cada vez que Paulo toma uma pergunta que antes lhe foi dirigida, introduz a sua resposta com as palavras: «Ora, quanto a...» (7:1, 25; 8:1; 12 : 1; 16 : 1, 12), ou com a expressão: «Não quero, irmãos, que ignoreis...» (10:1; 12:1). Quando introduz o problema de falar em línguas, usa as duas expressões, uma ao lado da outra, assinalando assim a introdução de um novo assunto e a intenção que tinha de não deixar os coríntios na ignorância de matéria tão importante.

O problema é claramente apresentado na introdução, versículos 1-3, mas está errado desde o princípio por causa duma tradução errada da palavra chave *ton pneumatikon*. As traduções correntes da Bíblia

traduzem-na por «dons espirituais», enquanto que Paulo nunca usou a palavra *charismata* (espirituais) com os dons do Espírito (ver I Cor. 2 : 4; 12 : 9, 28, 30, 31). Para ele, tudo o que fosse inspirado pelo Espírito era forçosamente espiritual. Além disso, não eram os carismas que estavam causando os problemas mas antes aqueles que os estavam explorando, especificadamente aqueles que falavam ou pretendiam falar «pelo Espírito do Senhor» — os «pneumáticos», como vários tradutores interpretam a palavra, ou os «espirituais» (Vulgata), ou os «inspirados» (J. Hering). A palavra *charismata* é sempre traduzida por «espirituais» noutras passagens onde Paulo a emprega — na conclusão, por exemplo (I Cor. 14 : 37) — e noutros lugares (I Cor. 2 : 15; 3 : 1; Gál. 6 : 1; Efés. 6 : 12; I Ped. 2 : 5).

Deste modo, o problema de que aqui se trata é o de homens «espirituais», «pneumáticos»; isto é aqueles que são ou dizem ser inspirados pelo Espírito. No princípio, Paulo estabelece a distinção entre os que verdadeiramente falam pelo Espírito de Deus e os que o não fazem (12 : 3). Paulo não esquece, no entanto, que os coríntios são cristãos apenas há cinco anos e que a sua maior parte procede do paganismo. Atribui os seus erros à ignorância (vers. 1), enquanto lhes recorda o anterior costume pagão de adorarem ídolos: «Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados» (vers. 2).

O que resta dos seus anteriores hábitos de adoração revela o que Paulo deseja eliminar da igreja coríntia. Especifica que o que falam não é uma língua inspirada pelo Espírito, mas antes uma reminescência das expressões extáticas pagãs, bem conhecidas pelos coríntios. Paulo identifica a acção do demónio por trás daqueles ídolos mudos (I Cor. 10 : 20). Assim, como ele aqui argumenta, no serviço do culto pagão, onde se buscava o êxtase como condição de comunhão com os deuses, os adoradores eram na realidade vítimas de poderes demoníacos que os possuíam dominando-lhes completamente a vontade, tornando-os impotentes para tomar qualquer decisão. Certos termos técnicos empregados nesta passagem são alusões claras ao arrebatamento dos sentidos próprios do mundo invisível, produzido por forças sobrenaturais, uma vez que os adoradores eram efectivamente vítimas de demónios. A advertência dada no versículo 3 estabelece uma distinção radical entre aquilo que procede do Espírito de Deus e o que tem que ver com outro espírito.

«Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.» (vers. 3). Aqui temos o critério! Quando uma pessoa é inspirada pelo Espírito de Deus, glorificará a Deus como fizeram os discípulos no dia de Pentecostes: eles falavam «das grandezas de Deus» e «profetizavam». Tal não é a maneira de fazer dos pagãos; dizem, ao contrário: «Jesus é anátema!» É caso para perguntar se Paulo está verdadeiramente aludindo à realidade e, se sim, porque não manifesta maior indignação contra semelhante blasfêmia.

Esta maneira de agir era exactamente a mesma dos místicos pagãos quando entravam em transe extático, como P. Allo explica claramente: «Tem que se admitir que Paulo tinha conhecimento de confrontações reais, em que os possessos por um espírito soltavam gritos semelhantes quando disputavam com o Espírito de Jesus, pelo qual se sentiam invadir, à maneira da Sibila espumando enquanto repelia a inspiração que a oprimia, ou de Cassandra, que amaldiçoava Apolo no *Agamemnon* de Esquilo. Havia certamente costumes pagãos, intoléráveis mas não esquecidos, entre os místicos mais devotos.» (Citado por Pirot, I Cor. 12 : 3, pag. 256).

Não, Paulo não se deixa enfurecer. Atribui tais erros à ignorância daqueles que os praticam. Ao contrário, Paulo tira vantagem da oportunidade de demonstrar o perfeito amor cristão, como o define no capítulo 13. Paulo sabe por experiência que só o amor pode conduzir do erro à verdade. Paulo nunca se esquece da maneira como o Salvador tratou com ele: «...mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente» (I Tim. 1 : 13). Seguindo o mesmo princípio de amor, Paulo deseja corrigir certas práticas pagãs ainda existentes na igreja de Corinto, entre as quais uma espécie de falar em «outra língua» (14 : 2, 4, 9, 13, 14, etc.), que ele conseqüentemente procura substituir pelo verdadeiro dom de línguas.

Seguindo esta norma, Paulo define as características dos dons do Espírito, começando com o versículo 4 do capítulo 12. Embora vários em número, eles têm unicamente uma e a mesma fonte: «Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo» (vers. 4). «Mas um só é o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer» (vers. 11). A isto acrescenta: «Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil» (vers. 7). Este aspecto

é especialmente acentuado no capítulo 14 (vers. 3, 4, 5, 6, 12, 17, 19, 26) bem como em Efésios 4 : 12. A finalidade dos dons do Espírito é para o que for útil, a edificação da igreja, e o apereioamento dos santos. Nenhum dom de Deus é dado para uso privado, e todos os dons devem contribuir para a unidade do corpo de Cristo, o qual é a igreja.

A enumeração destes princípios elementares parece indicar que os mesmos são ignorados pelos «inspirados» de Corinto. Em benefício deles, Paulo acha bem lembrar-lhes que há uma diversidade de dons e que o dom de línguas não tem a importância que lhe atribuem. Três vezes ele o coloca no fim da lista dos dons, insistindo mesmo nessa ordem de importância: «E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar..., em terceiro..., depois... variedades de línguas» (12 : 28). Em Romanos 12 : 4, como em Efésios 4 : 11, o dom de línguas nem sequer é mencionado. Finalmente, para aqueles que pensam ser os únicos cheios do Espírito, Paulo apressa-se a garantir que o Espírito de Deus não é dado a uns poucos privilegiados; ao contrário, é prerrogativa de todos: «Pois todos nós fomos baptizados em um mesmo Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito» (12 : 13).

Então, àqueles que na igreja de Corinto acreditam ser possuidores do dom por excelência, Paulo diz: «mostrarei um caminho ainda mais excelente» (vers. 1), o do amor, que é o assunto do capítulo 13. Alguns têm pensado que o hino ao amor, entre os capítulos 12 e 14, está nessa posição devido a um erro de copista. De maneira nenhuma! Longe de se tratar de um erro ou de um desvio do assunto, o capítulo 13 está estreitamente ligado ao seu contexto. Na realidade, se há dons que sejam melhores do que outros, o amor, *agapé*, é a virtude que ultrapassa todas as outras, e sem ela todos os outros dons perdem o seu valor.

É interessante notar que Paulo estabelece a superioridade do dom do amor comparando-o primeiramente com o dom de línguas e depois com o dom de profecia, os dois dons que ele põe em comparação no capítulo 14.

Paulo adverte os coríntios contra a inspiração que não é de Deus e também contra o atribuir demasiado valor ao dom de línguas, do qual tanto se orgulham os «inspirados» da igreja de Corinto. Diz-lhes: «Ainda que eu falasse as línguas dos ho-

(Continua na pág. 19)

MODIFICOU-SE A MINHA IDEIA ACERCA DE DEUS

por Betty Holbrook

«Justiça pela Fé» — palavras que metem medo a quem não é teólogo. O que há, nestas três simples palavras, que pode transformar uma jovem menina numa rígida «irmã mais velha» (à maneira do «irmão mais velho» na parábola do filho pródigo), ou que pode provocar guerras de palavras, orais ou escritas, entre aqueles que se chamam irmãos? Ou têm as palavras um sentido demasiado *amplo* para ser compreendido, e por isso paramos na primeira palavra, *justiça*, interpretando-a da melhor maneira que podemos, à luz das nossas próprias experiências, acabando por lhe dar um sentido que se poderia mais ou menos definir como «justiça pelo farisaísmo»?

Por qualquer razão, como jovem menina, eu tinha este conceito: «Deus ama-te — se». As palavras «Deus ama-te», no entanto, eram completamente obscurecidas por aquela minúscula palavra «se». Era aquela pequena palavra «se» que parecia roubar à vida toda a sua graça e emoção; erguia-se como um tirano sobre tudo quanto eu pensasse, dissesse ou fizesse. Não passou muito tempo até eu equiparar o «se» com Deus, e então Ele passou a ser o tirano. O amor desaparecera, e no seu lugar instalara-se um gélido temor que se transformou em rejeição. Pensei que de qualquer modo nunca me poderia salvar; quem deseja servir um Deus que está sempre à espera, espreitando-nos na sombra?

A minha ideia acerca de Deus é hoje diferente, mas a modificação não se deu repentinamente ou por revelação. Nunca fui inclinada a fazer as coisas da maneira mais fácil. Foi um lento e muitas vezes doloroso processo, uma ânsia e uma procura (alguns chamar-lhe-iam insegurança) de alguma coisa que faltava na minha vida. Palavras como estas: «A vida em Cristo é uma vida de descanso. Desassossego, descontentamento, mal-estar, revelam a ausência do Salvador» (*Test. Selectos*, Vol. 2, pág. 189), pouco significavam para mim. Não por eu não desejar que elas tivessem algum significado, mas como se pode abrir livremente o coração a alguém que amedronta e condena? No entanto, eu não tinha sequer admitido interiormente quais eram os meus verdadeiros sentimentos. Tinha receio de o fazer.

O meu maior trabalho foi investigar mais acerca de Deus. Quem é Ele? (Conhecia a maior parte das respostas favoritas. Isso era parte do meu problema.) Como é Ele realmente? Que importância tem Ele para mim? «A resposta está na Bíblia», era o que eu sempre tinha ouvido e acreditado — mas não compreendido. Eu precisava de alguma coisa que me ajudasse a compreender a Bíblia melhor, alguma coisa que tornasse clara a sua mensagem. Então li em sequência *Aos Pés de Cristo*, *O Desejado de Todas as Nações*, e prossegui com os *Testemunhos* (ainda estou estudando estes últimos). Fico constantemente admirada de quantas das mensagens poderiam perfeitamente ter sido dirigidas à «Querida Irmã H.» e todas as vezes procuro escutar o que Deus tem para me dizer. Às vezes ponho-me a rir. Há um certo humor naqueles livros e gosto muito de algumas das suas ilustrações.) Outras vezes as lágrimas rolam-me pelo rosto. Mas há agora uma diferença. Enquanto antes as lágrimas eram de desespero, agora geralmente são de arrependimento, trazendo consigo a paz. O Deus diante de quem estou já não é «vingativo». Ele e Aquele que com o Seu manto cobre esta pródiga são a mesma pessoa. «Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo» (II Cor. 5:19).

Foi através d'Aquele que eu finalmente entrevi um retrato mais fiel de Deus. Ele odeia o pecado, não há dúvida nenhuma. E porque não deveria odiá-lo, com toda a tristeza e miséria que ele acarreta? Mas não odeia o pecador, nem me rejeita por causa dos meus pecados. Diz-me inclusivamente para não gastar toda a minha energia em lamentações, mas a olhar e viver (*Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 352).

Longe de ser um Deus que me mete na linha fustigando-me, ou vigiando e espreitando na sombra, Ele é um Deus que paciente, carinhosamente e amavelmente espera que eu O deixe guiar-me para casa. Nessa espécie de Deus posso confiar. A essa espécie de Deus quero obedecer. Essa espécie de Deus eu posso amar. E, o que é importantíssimo, essa espécie de Deus pode habilitar-me para o céu. Ele o fará, se eu cooperar com Ele.

NO 70.º ANIVERSÁRIO DA OBRA ADVENTISTA EM PORTUGAL

por E. Ferreira

Foi precisamente há setenta anos, em 26 de Setembro de 1904, que chegou a Lisboa o pioneiro da Obra Adventista em Portugal — Clarence Emerson Rentfro.

Logo começou a estabelecer contactos pessoais, tomando como pretexto as lições de Inglês que ministrava e a distribuição de literatura adventista.

Perto de dois anos se passaram até que a primeira pessoa começasse a guardar o Sábado. Tratava-se da sr.^a Lucy Portugal, de nacionalidade inglesa, viúva do actor Portugal. A propósito, escrevia o Ir. Rentfro, em 19 de Maio de 1906, no seu diário: «A sr.^a Lucy Portugal começou a guarda do Sábado. Os nossos corações regozijam-se. Primeira crente em Portugal.»

Em sua casa, na Rua dos Industriais, 9, 2.º, se realizou a primeira Escola Sabatina no nosso país.

Em Junho desse mesmo ano, chegava a Lisboa, vindo do Brasil, o Ir. Ernesto Schwantes, com sua esposa e filha.

Pouco depois, em 21 de Setembro, tinha lugar a primeira sessão baptismal em terra lusa. Além de Lucy Portugal, desceram às águas Maria Morgado de Figueiredo, António Vítor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo, ganhos através da distribuição de folhetos. A cerimónia, em que ministrou o Ir. Schwantes, realizou-se na praia de Carcavelos e foi levada a efeito já de noite, em virtude de um dos candidatos, o último acima mencionado, ser ainda jovem e se recearem dificuldades com as autoridades.

No dia seguinte, era aberta ao público a nossa primeira sala de culto, no primeiro andar da casa azulejada que ainda hoje se vê na Rua de S. Bernardo, à Estrela, n.º 20. O facto foi assinalado pela celebração da Santa Ceia.

Em 8 de Dezembro do mesmo ano, novos baptismos se realizaram, debaixo de chuva, na mesma praia, desta vez pelo meio-dia. Os candidatos foram João Baptista Figueiredo e sua esposa Maria da Conceição Figueiredo.

No decurso desse mesmo ano de 1906 entrara em contacto com a Mensagem, enquanto recebia lições de Inglês do Ir. Ren-

tro, o jovem Alberto Fernandes Raposo, que mais tarde seria baptizado em Manchester, Inglaterra, e, depois de ter estudado Teologia no então Seminário de Gland, iniciaria em 1914 a sua frutuosa carreira de obreiro em Portugal.

Entretanto, ainda em 1906, fixava-se no Porto o Ir. E. Schwantes, abrindo uma sala de culto na Rua do Bonfim, n.º 124. Os primeiros baptismos do Norte realizaram-se no ano seguinte, em 1907, na praia da Aguda, perto de Espinho. Desceram então às águas Joaquim Dias Gomes e sua esposa, pais de António Dias Gomes, que viria mais tarde a presidir à Obra em Portugal e que felizmente ainda vive, e um jovem, João de Sá Pereira do Lago, que se tornou o primeiro colportor português e que actualmente reside em França.

Para avaliar a impressão que ao público daria o Movimento, é interessante a leitura de alguns parágrafos da *Ilustração Portuguesa*, de 15 de Abril de 1907, no artigo es-



Edifício em cujo 1.º andar funcionou a primeira sala de culto adventista em Portugal

crito pelo repórter Benoliel e intitulado «Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista»:

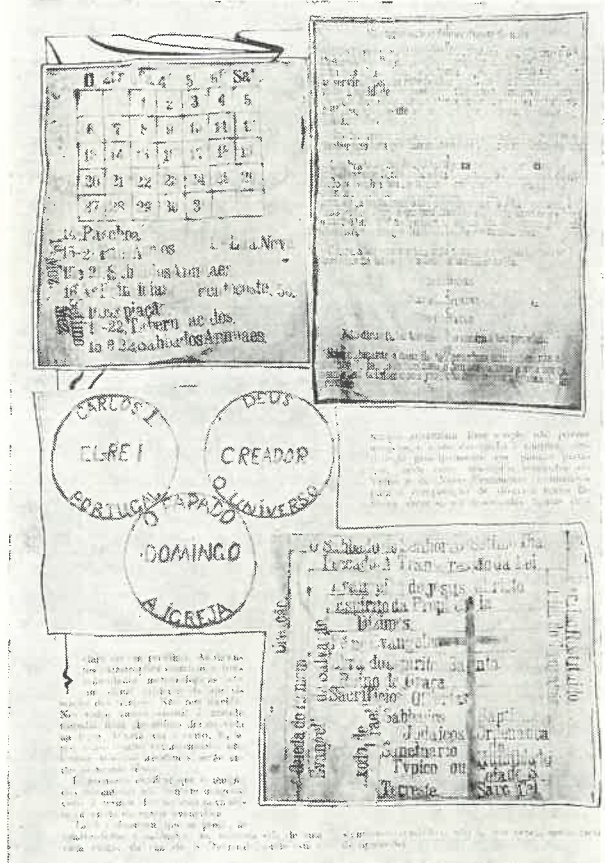
«... A religião adventista, que há três anos apareceu em Lisboa, é um desses rebentos da árvore evangélica, novo de pouco mais de meio século. ... O apóstolo incumbido de nos trazer a boa palavra foi o Sr. Rentfro, que desde Setembro de 1904 se acha entre nós a pregá-la, tendo conseguido já obter uma dúzia incompleta de adeptos...»

Depois de apresentar à sua maneira, não sem uma ponta de ironia, a doutrina adventista, conclui:

«Tal é doutrina que se prega, às quartas-feiras e sábados, na modesta sala de uma casa vulgar da Rua de S. Bernardo, onde está o templo adventista. Esse templo não possui imagens, e a sua decoração é simples, consistindo principalmente em panos pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhadas figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.»

Nesse mesmo ano de 1907, publicava-se em Portugal a primeira obra adventista, com o título «O Preceptor da Bíblia no Lar», tradução portuguesa de «The Family Bible Teacher». Impressa na Tipografia Peninsular, da Rua de S. Crispim, n.º 20, do Porto, era composta de 28 estudos sobre doutrinas bíblicas e tinha 124 páginas.

Dois anos mais tarde, em Agosto de 1909, o Pastor C. E. Rentfro podia apresentar o seguinte relatório na assembleia da União Latina: «No decurso destes dois últimos anos, tivemos reuniões em Lisboa e no Porto, as duas principais cidades de Portugal. Na primeira temos um local com uma centena de lugares; o auditório varia entre quarenta e cinquenta pessoas. As reuniões têm lugar quatro vezes por semana, incluindo o Sábado. Em Janeiro, tivemos três batismos; outras três pessoas foram baptizadas em Junho. Outras sê-lo-ão em breve. Depois da partida de Ernesto Schwantes para o Brasil [o que sucedeu no início desse ano de 1909], fui secundado por um colportor. Desfrutamos completa liberdade em Portugal, e aproveitamos esse privilégio para espalhar a verdade.»



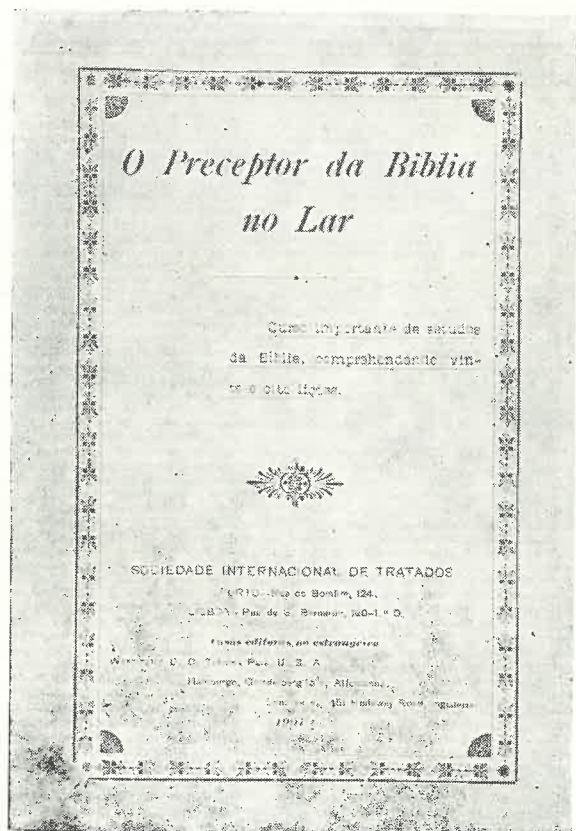
As duas páginas em que a Ilustração Portuguesa, de 15 de Abril de 1907, se refere à Igreja Adventista

O Pastor C. E. Rentfro esteve à testa da Obra em Portugal até 1917, data em que foi substituído por Paul Meyer, que viera em 1911 e dirigiu o Movimento até Abril de 1924, ano em que foi dedicado o primeiro templo possuído pela igreja em nosso país — o edifício da Rua Joaquim Bonifácio, 17.

A Missão Portuguesa fez parte da União Latina até 1928, sendo então organizada a Divisão Sul-Europeia, com sede em Berne. Desde 1928 até 1939, Portugal pertenceu à União Ibérica, uma das Uniões directamente dependentes da Divisão Sul-Europeia. Em 21 de Setembro de 1939, foi organizada a União Portuguesa, incorporando a Conferência Portuguesa, e as Missões da Madeira, Açores, Cabo Verde e S. Tomé, tendo esta última Missão passado para a União Angolana em 1959. A partir de 1 de Janeiro de 1972, a União Portuguesa voltou de novo à situação de Missão, desta vez incorporada na União Sul-Europeia, com sede em Roma. O seu território, após o desmembramento de Cabo Verde e Guiné em Janeiro de 1974, ficou reduzido a Portugal continental e aos arquipélagos de Madeira e Açores.



Paul Meyer com sua filha Myrthe



Capa do primeiro livro adventista impresso em Portugal

Considerando os modestos começos do trabalho em Portugal, podemos dizer, com Samuel, que até aqui nos ajudou o Senhor.

A evolução do número de igrejas e membros processou-se no seguinte ritmo:

	Igrejas	Membros
1904	—	2
1914	2	65
1925	4	167
1934	5	277
1944	16	871
1954	21	2003
1964	31	2886
1973 (31 de Dezembro)	38	4541 (1)

A venda de literatura adventista, através da colportagem, passou, dos números insignificantes de 1907, para um total de 2 788 589\$00 só no decurso do ano findo de 1973.

Tendo disposto apenas de uma meia dúzia de obreiros, incluindo estrangeiros, durante os primeiros vinte anos da sua exis-

(1) Destes, transitaram 477, em Janeiro de 1974, para a Missão de Cabo Verde e Guiné, então desmembrada do campo português.

C. E. RENTFRO — O PIONEIRO

Clarence Emerson Rentfro nasceu no seio de uma família adventista em Sigourney, Iowa, Estados Unidos, em 23 de Julho de 1877.

Tendo feito a sua educação bíblica em vários colégios adventistas — Battle Creek

tência, a Igreja Adventista portuguesa conta actualmente, como missionários, 39 obreiros, não incluindo as esposas neste número, espalhados por diferentes países de África, Ásia e América.

Ao olharmos para o futuro, restam-nos ainda importantes tarefas a realizar, entre as quais ocupam lugar prioritário:

1. O fortalecimento da vida interna da Igreja, mediante uma mais perfeita obediência às instruções da Bíblia e do Espírito de Profecia por parte de todos os ministros e membros.

2. Um impulso evangelístico mais activo, visando o desenvolvimento das posições ocupadas e a abertura do trabalho nos distritos onde ainda não entrámos.

3. O estabelecimento efectivo do sistema educacional adventista, criando escolas de igreja onde seja possível e construindo uma forte escola secundária para servir a todo o campo.

4. A ampliação da obra de publicações, dando aos aspectos religiosos deste trabalho o realce que lhe é devido.

5. A realização prática das instruções dadas pelo Espírito de Profecia no que respeita à obra médico-missionária confiada à Igreja Adventista.

★

O Senhor nos concederá ainda grandes vitórias, mas sob uma condição — que nos não desviemos da linha de rumo que nos foi traçada pela palavra profética.

Como escreveu a serva do Senhor, «nada temos a recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira como o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado». — *Testemunhos Seleccionados*, vol. 3 pág. 443.

College (1897-1898), Union College (1900) e Emmanuel Missionary College (1902) — aos 21 anos de idade começou a vender as nossas publicações, tendo então surgido em seu espírito um forte desejo de vir a trabalhar como missionário em países católicos.

Em 1903 recebeu a sua credencial de ministro licenciado, e no mesmo ano se casou com Mary Loizette Haskell, enfermeira diplomada, do Iowa Sanitarium.

Em 1904, recebeu um convite do Pastor W. A. Spicer, então secretário da Junta das Missões Adventistas Estrangeiras, para trabalhar em Espanha. O casal embarcou em Nova Iorque a 10 de Setembro desse ano. Ao chegarem a Londres, um telegrama avisava-os de que o seu destino tinha sido alterado e que deviam dirigir-se a Portugal como seu campo de trabalho. E é assim que no S. S. *Madalena* desembarcaram em Lisboa, no dia 26 de Setembro de 1904.

Apenas traziam o dinheiro para as primeiras necessidades. O primeiro cuidado que tiveram foi procurar casa onde viver; mas logo uma surpresa desagradável os aguardava. Era-lhes exigido o pagamento adiantado de três meses de aluguer, o que



Mary L. Rentfro

veio reduzir apreciavelmente as suas reservas.

Fixaram-se pois em Caxias, no Largo de Laveiras, 131, em casa que mais tarde foi demolida para dar lugar a nova construção.

Com os escudos que lhes restaram compraram os móveis indispensáveis — uma mesa, algumas cadeiras, um fogão — e comida.

Passado um mês, o dinheiro tinha-se quase esgotado e o correio não trazia o novo salário! Em 21 de Outubro, Rentfro escrevia no seu diário: «Comemos metade de um pão ao almoço.» Em 18 de Novembro, viu-se obrigado a empenhar o relógio. Mas em breve estavam reduzidos de novo a pão e água. As chuvas começavam e já fazia frio. Como recurso de emergência, fizeram lenha da cama, que eles próprios haviam improvisado com as tábuas dos caixotes, e dormiram no soalho num colchão de palha. Entretanto chegaram do Brasil algumas publicações adventistas, que o Ir. Rentfro procurou vender, e com o produto de cuja venda conseguiu comprar alguma comida. Como último recurso teve de empenhar o violino.

Os missionários estavam fraquíssimos em fins de Novembro e passando frio. Algumas linhas no Diário aparecem escritas pela mão de Maria. Ali se lia que o Ir. Clarence se achava fraco demais para andar e para vender revistas para viver.

Finalmente, chegou o seu salário da Suíça. Ele tinha sido enviado na devida altura, mas o remetente endereçara-o para Caxias, Espanha, em vez de Caxias, Portugal, e assim o dinheiro andou passeando por Espanha enquanto a pobre família, com o seu filhinho Carlos, de apenas poucos meses, estava penando em Portugal!

O Ir. Rentfro estabeleceu os primeiros contactos dando explicações de inglês e distribuindo folhetos. Como lemos noutra local deste número da *Revista Adventista*, os primeiros quatro crentes foram baptizados em Carcavelos, no dia 21 de Setembro de 1906. e no dia seguinte foi inaugurada em Lisboa, na Rua de S. Bernardo, à Estrela, n.º 20, a primeira sala de culto.

Em 1907, foi ordenado ao santo ministério, em Gland, Suíça, tendo dirigido a cerimónia o Pastor A. G. Daniells, presidente da Conferência Geral.

No exercício do seu ministério em Portugal, procurou o Pastor Rentfro não só pregar oralmente a mensagem, mas aproveitou as oportunidades que se lhe ofereciam para a apresentar também por escrito.

Temos diante de nós dois interessantes artigos por ele escritos em publicações periódicas não-adventistas.

O primeiro encontra-se no número de 21 de Abril de 1907 do semanário «O Trabalho», de Setúbal.

Começa assim o artigo: «Sr. Redactor: Há dias um amigo deu-me um número do semanário 'O Trabalho', que se publica nessa cidade. É o número 317 de Abril corrente, que contém a notícia do aparecimento em Lisboa de um sujeito, que expõe doutrinas 'mirabolantes' sobre o próximo fim do mundo. Esse sujeito sou eu — Rentfro — e não Dentifero —; vejo mais que o jornal de que V. Ex.^a é digníssimo redactor defende os interesses dos operários; felicito-me e felicito V. Ex.^a porque trabalhamos no mesmo campo.»

O artigo prossegue com a defesa da fidedignidade da Bíblia e da sua narrativa da criação, e com a apresentação, em linguagem clara e convincente, de alguns sinais da segunda vinda de Cristo.

E termina: «A Bíblia diz que estes sinais são os da próxima vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. E que diz V. Ex.^a? Se disser o contrário, é justo que o prove. Estudando V. Ex.^a este assunto, poderá, qualquer dia, apresentar-me tais verdades quando eu for à bela cidade de Setúbal. ... Com amor cristão para com V. Ex.^a, sou um amigo do operário. Lisboa, 17 de Abril de 1907. Rua de S. Bernardo, 120, 1.º — C. E. Rentfro.»

O segundo artigo que temos presente foi escrito já perto do fim da estadia do Pastor Rentfro em Portugal. Aparece no número de Março de 1916 da revista «O Vegetariano».

Começa com estas palavras introdutórias: «Sem dúvida, será de interesse aos digníssimos consócios desta Sociedade Vegetariana saber um pouco dos esforços empregados em vários lugares em prol da humanidade, no que diz respeito à reforma dietética, por diversas sociedades de temperança e outras forças de grande valor.»

Apresentando como antepassados das modernas sociedades de temperança os Nazireus e os Recabitas, expõe o desenvolvimento histórico de diferentes movimentos anti-alcoólicos, para chegar à Sociedade de Temperança Adventista.

E termina: «Foi com este plano que o autor destas linhas, quando chegou a Portugal no ano de 1904, traçou a sua conduta»

(Continua na pág. 19)

A Igreja como Agente Educador

Maravilhoso! Eis o que pensamos das fotografias expostas neste artigo, parte dum ansiado complexo educativo a instalar na cidade da Beira (Manga) capaz de dinamizar todo o potencial missionário de Moçambique, estimado em aproximadamente 30 mil filiados.

CEAM — Centro Educativo Adventista de Moçambique, começou já a ser realidade no decorrer do ano findo deixando a todos a sensação de grandes e auspiciosos alvos. Tendo à sua testa, homem de perseverante e positiva experiência, o Pastor Henrique Berg, traçou já as linhas dum rumo certo para a prosperidade e prestígio da causa em todo o território. Confrangia ver as lutas com que nos debatíamos para elevar o nível cultural de nossos jovens e obreiros, dando-lhes a preparação a que tinham direito e à qual a boa vontade de nossa divisão fez justiça, canalizando para tão sobebrbo plano, ofertas da Igreja a nível mundial. O fundo de extensão missionária do ano em curso e ofertas do 13.º sábado dum dos trimestres do próximo, deixarão Moçambique habilitado para o seu verdadeiro arranque educacional.

A fim de cumprir a sua verdadeira missão, devia a Igreja em Moçambique, estar pronta para dar execução a todas as etapas de que se compõe o seu programa, o qual não consiste somente em pregar a mensagem doutrinária. Pelo contrário, a Igreja devia ir mais longe e compenetrar-se de suas funções altamente sociais, dando ao indivíduo que passou a abrigar no seu seio e sob sua protecção muito mais que alguns sermões e prédicas semanais. A Igreja não podia e não devia ser encarada como exclusivamente espiritual e religiosa, mas também como organizadora social, promovendo os meios necessários para que haja verdadeira integração e entrelaçamento das relações humanas, embora diferentes em suas formações. Para executar esta nobre missão a Igreja tem de ser agente educador, efectuando em seus associados a magnífica e suprema obra de educá-los para que vivam e representem aquilo que constitui a própria vida da Igreja — o Evangelho.

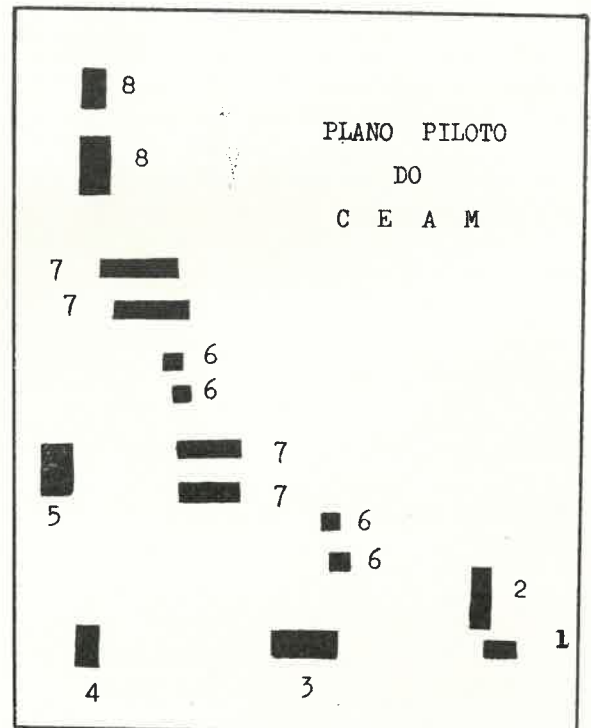
Uma Igreja que não forneça educação aos seus membros nunca poderá cumprir sua missão em toda a plenitude. A vitalidade da Igreja está intimamente vinculada ao sistema educativo preconizado pela sua

filosofia. A condição de «mornidão espiritual» mais insidiosa e nefasta que existe é a de despreocupação quanto à educação e preparo da geração que nos segue, porque obstrui a transmissão da nossa herança espiritual, detém a formação missionária que deveria existir em todo o membro, e justifica o desvio para escolas seculares de milhares de crianças e jovens, que é o primeiro passo para o desvinculamento da Igreja.

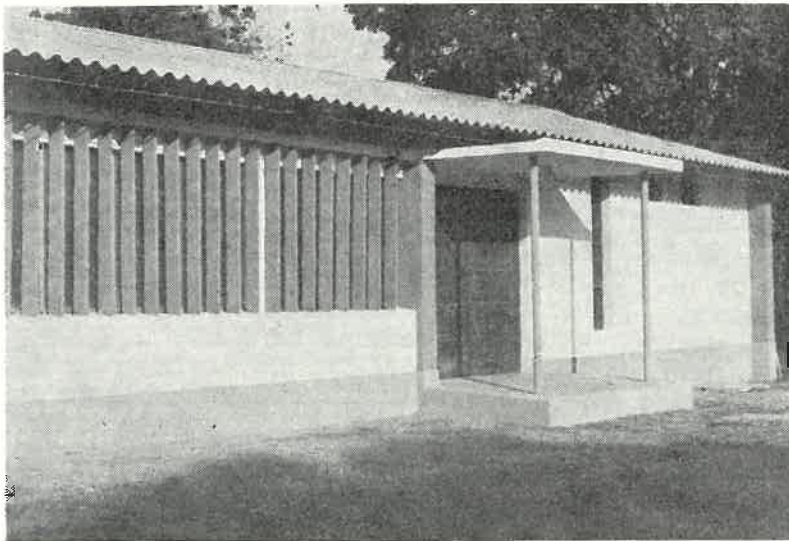
Uma Igreja que não eduque, não progride e perde o senso do seu destino. Uma igreja com escolas, revitaliza e está apta a cumprir a sua missão evangelizadora com extraordinário vigor.

A ausência de recursos com que se procura desculpar o desinteresse pela educação, é resultante da falta de confiança nas orientações divino-proféticas. Temos em mãos volumes de dados que atestariam a realidade de tais assertivas.

(Continua na pág. 19)



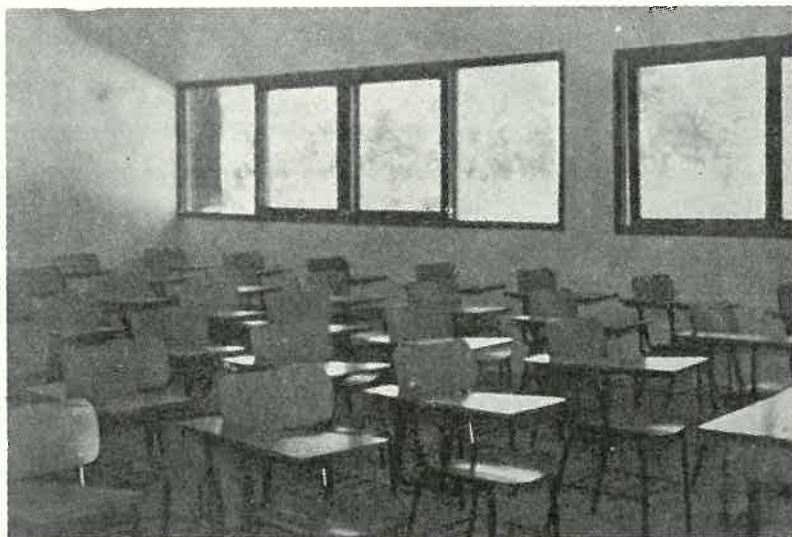
1. Dispensário — executado; 2. Salas de aula de apoio ao Dispensário — executado; 3. Escola Secundária; 4. Igreja; 5. Refeitório; 6. Moradias para professores; 7. Dormitórios; 8. Escola de Artes e Ofícios.



*Dispensário recém-construído. Con-
tém: duas salas de tratamentos e
uma de recepção; um consultório
médico e sala de aviamento de re-
ceitas; um laboratório ou sala de
conferências.*



*Edifício com 4 salas de aula de
apoio ao Dispensário. Ali serão mi-
nistradas aulas sobre saúde, civili-
dade, higiene, puericultura, cursos
anti-alcoólicos e antitabágicos.*



Uma das salas de aula referidas.

ENFRENTANDO O PECADO

Dos pensamentos mais significativos mencionados na Sagrada Palavra destaca-se a constante necessidade dum «chamado» de reforma entre os ditos «filhos de Deus».

Se passarmos os olhos através do Antigo Testamento pela vida que levavam os «filhos de Deus», o povo de Israel, notamos algo que tem analogia com o Israel espiritual de hoje. Na verdade, cada vez mais me convenço de que Salomão tem genuína autoridade ao afirmar: «O que foi, isso é o que há-de ser, e o que se fez, isso se tornará a fazer, de modo que nada há de novo debaixo do Sol.» Ecles. 1:9.

Amigos, tenho a impressão de que algo se está perdendo entre nós. No momento que passa é imprescindível uma reforma. O que está em jogo são questões eternas. São vidas que estão em jogo. Não esqueçamos que foi por uma vida que Jesus morreu por nós, num gesto que assombrou o Universo de Deus.

Estamos na verdade entrando numa fase decisiva do nosso Movimento. O povo está vivendo como que embalado por cantos de seria. Não quer viver o Evangelho, mas sim ser embalado pelo Evangelho. Onde está o idealismo profundamente espiritual dos apóstolos? de Wesley? de E. G. White?

«Deus não queria que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos pelo deserto: desejava levá-los directamente à terra de Canaã e estabeleçê-los ali, como um povo santo, feliz.» *Conflito dos Séculos*, pág. 335. Porque vaguearam então por quarenta anos? Devido à sua incredulidade. Devido à sua indolência na aceitação das coisas santas.

Oh, amigo, como ainda lembro os momentos iniciais do meu encontro com esta mensagem! Senti em minha vida uma «presença» que tem de ser constante, para que eu viva sempre no «primeiro amor».

Estamos esquecidos dos momentos iniciais do nosso encontro com esta mensagem? Isso tem de ser constantemente reavivado em nossa vida. Está-se notando uma mornidão que é para morte. «Hoje, como nos séculos passados, a apresentação de qualquer verdade que repreve os pecados e erros dos tempos suscitará oposição.» — *Conflito dos Séculos*, pág. 335.

Vivemos numa sociedade afectada, vaidosa, invejosa, maledicente, sem afecto natural. «O grande obstáculo tanto para a

aceitação como para a promulgação da verdade é o facto de que isto implica incómodo e vitupério. Devemos escolher o direito porque é direito, e com Deus deixar as consequências. A homens de princípios, fé e ousadia deve o mundo as grandes reformas. Por tais homens tem de ser levada avante a obra de reforma para este tempo.» — *Conflito dos Séculos*, pág. 336.

Amigo, se tu és uma fiel testemunha de Jesus tens de reprimir o pecado e de chamá-lo pelo seu nome. Sê honesto, porque nestes assuntos encontramos-nos isolados, mas ao mesmo tempo acompanhados de Jesus. Sê honesto perante Deus.

«Reparador de roturas...» Nós, o Movimento Adventista, somos os reparadores das roturas feitas nos altos e santos princípios de Deus. Estamos nós reparando aquilo que o Israel carnal danificou? Que tipo de obreiros no edifício de Deus somos nós? Por vezes penso que esperamos um dia receber retribuição por trabalhos que não efectuámos. A nós será dirigida uma mensagem de reprovação, se vivemos com o nome de adventistas mas não vivemos a mensagem do Advento.

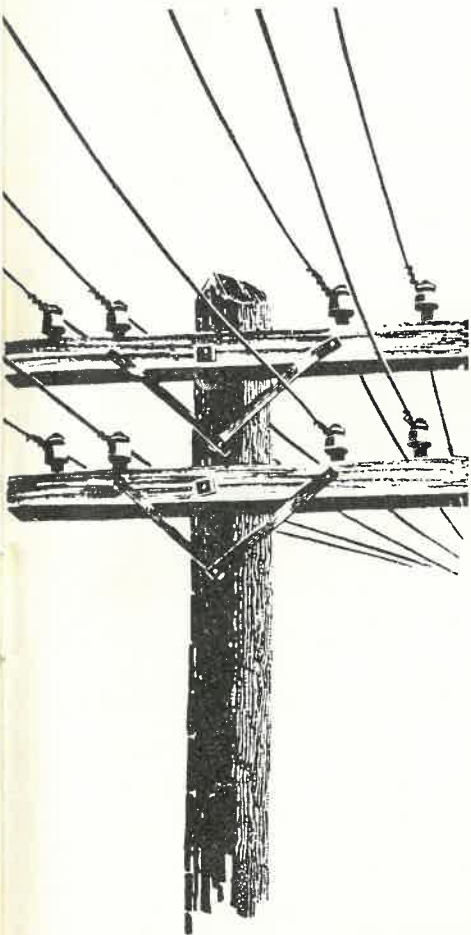
Trágicos e graves são os problemas que o genuíno cristão tem de enfrentar. E Satanás sabe como nos afligir. Mas tenhamos ânimo! Avante! Quem pode ser contra nós?

Tem presente em tua vida essas extraordinárias palavras desse extraordinário homem que foi Paulo: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece.»

Carlos Baptista Ávila

«O reavivamento das igrejas provém do sincero esforço de alguma pessoa em buscar as bênçãos de Deus. Essa pessoa tem fome e sede de Deus, e pede com fé, recebendo de acordo com ela. Põe-se a trabalhar com zelo, reconhecendo sua inteira dependência do Senhor, e almas são despertadas para buscar uma bênção semelhante, recebendo em seu coração um período de refrigério.» — Serviço Cristão, pág. 121.

NOTÍCIAS DO CAMPO



Joaquim António da Silva Nogueira

Depois de nove meses passados em Angola, como professor do Ciclo Preparatório no Instituto do Bongo, integrado no plano do Serviço Voluntário Adventista, chegou a Lisboa, em 29 de Julho, o jovem Ir. Joaquim António da Silva Nogueira, membro da Igreja do Porto.

Teófilo Ferreira

No dia 2 de Agosto partiu de Lisboa, acompanhado de sua Esposa e Filhos, o Pastor Teófilo Ferreira, novo presidente da Missão de Israel.

David Sanguesa

A fim de ajudar os colportores no seu trabalho, esteve em Portugal, de 23 de Agosto a 1 de Setembro, o Pastor David Sanguesa, secretário do Departamento de Publicações da União Sul-Europeia.

Família Raymundo

Aos queridos irmãos e amigos: Temos a grata alegria de comu-

nicar que já temos a nossa família connosco e que estamos a residir na Rua Cidade de Quelizane, n.º 1, 5.º-Esq., Telefone 31 83 76, Olivais Sul, onde teremos grande satisfação em receber a todos quantos nos queiram dar a honra da sua amizade.

Sinceramente,

Benito Raymundo

ESPINHO

É sempre com emoção que se traduz numa imensa alegria, quando, podemos noticiar, acerca do desenvolvimento de nossa Igreja.

Sem dúvida, são as constantes festas de entregas de almas ao Senhor, que traduzem esse desenvolvimento. Louvado seja o nosso Deus que há bem pouco tempo nos concedera essa alegria pela entrega de quatro almas e agora, atendendo à nossa súplica e ao labor dos nossos irmãos nos concedeu mais estas cinco almas; nalguns casos houve que vencer imensas dificuldades, o Senhor deu a Sua ajuda na solução, e essas dificuldades foram vencidas. Ainda às vezes somos levados a pensar como foi possível que o Senhor tivesse aplanado aquele coração daquela senhora de 82 anos de idade? Ela recebeu a semente, que havia de fazer dulcificar o seu coração, para ale-

gria de sua filha e genro. Louvado seja Deus. Como foi possível que aquele irmão, tivesse deixado de fumar!... Só mesmo a ajuda de Deus! Louvado seja o Senhor. Estes são os verdadeiros milagres que as pessoas nem sequer dão por isso, mas que são uma realidade e são tantos que se têm realizado na nossa Igreja. Louvado seja Deus.

De Oliveira de Azeméis podemos dizer, que temos uma família inteira e numerosa a estudar a santa doutrina, e pensamos que dali muitas almas irão selar um pacto com o Senhor; estamos orando nesse sentido; na verdade as pessoas dali são uma terra rebelde que não recebe a semente facilmente. O Senhor nos ajudará a lavrar aquele terreno e estamos certos que ainda havemos de cantar vitória no nome do Senhor.

De S. Félix tanto na primeira como na segunda sessão de batismo realizada tivemos representação dali, os nossos irmãos ali estão bem despertados e desejosos de trabalhar na seara do Senhor.

Os irmãos pensaram que haviam de ter na sala um órgão para acompanhar os hinos foram-se cotizando e poucos dias depois tinham metade do dinheiro, alguém pôs o resto até que a nossa Associação, nos desse a sua ajuda e já lá temos



Novos crentes da Igreja de Espinho



Novos crentes do Grupo de S. Félix

o tão desejado órgão. Para honra do Senhor.

Realizou-se o casamento dos jovens, Rosa Pereira de Oliveira e Américo Duarte Nunes de Almeida, no dia 18-8-1974, que foi muito concorrido. Ao novo casal desejamos felicidade e paz no Senhor Jesus, os jovens da Igreja associaram-se às cerimónias tendo cantado um coro, e um solo que calou fundo nos corações dos assistentes.

Espinho sauda todas as Igrejas da nossa Associação.

Adelino Nunes Diogo

ACAMPAMENTO DOS TIÇÕES

Dia 4 de Agosto, são precisamente 7h. de mais uma bela manhã de Verão. Cerca de 22 crianças esperam na garagem dos Claras na Av. Casal Ribeiro, a partida da camioneta que as conduzirá ao desejado Acampamento M. V. Nos seus olhos grandes e admirados paira a ânsia das possíveis brincadeiras tão desejadas.

Fazem-se as últimas despedidas; mais umas recomendações dos familiares presentes e eis-nos a caminho, tudo a postos, sentados nos respectivos lugares, bagagens arrumadas e um suspiro de alívio após longa agitação.

Rapidamente são vencidos os quilómetros que nos separam da Costa de Lavos. Após três horas de jornada chegámos e alguns carros esperavam os juvenzinhos e as monitoras que se encarregaram de velar por eles durante a viagem e continuariam a sua tarefa durante os dez dias que se seguiram.

Com algumas pequenas dificuldades bagagens e crianças foram acomodadas nos carros rumo ao acampamento MV.

Ali foi a revelação para os que vinham pela primeira vez e a alegria para os que anteriormente já ali tinham estado. Durante todo o dia de domingo foram chegando mais crianças dos diversos pontos do país e até mesmo das Províncias Ultramarinas, nomeadamente Angola.

Num total estiveram presentes 56 crianças com idades que em média variaram dos 6 aos 13 anos.

Segunda-feira, dia 5, foi oficialmente o primeiro dia do acampamento em que havia todo um programa já estabelecido, incluindo tanto partes essencialmente recreativas como momentos espirituais, de educação musical e actividades que favoreciam nas crianças o desenvolvimento da sua imaginação criadora.

Segundo o programa do acampamento, às 7.30 havia o despertar que era feito com gravações musicais próprias para as crianças. Após os preparativos pessoais procedia-se à devoção matinal, onde todos compareciam cerca das 8h. da manhã e ali eram incentivados ao hábito da oração matinal.

As 8.15 h., um característico e sempre bem recebido toque do sino anunciava o pequeno almoço. Depois de tomada a refeição e nos momentos que precediam a ida à praia, encontravam-se as actividades de acampamento que se compunham de arrumação de tendas e limpeza nos sanitários. Os momentos finais destas actividades eram sempre de grande expectativa e alegria, pois que a tenda me-

lhor arrumada e com mais imaginação recebia um primeiro prémio.

Finalmente vinha a hora da praia, sempre desejada. Depois de todos os chefes de tenda e seus companheiros devidamente alinhados, os monitores davam o sinal de partida. Jogos, corridas, construções na areia e o banho eram as actividades que preenchiam estes momentos compreendidos entre as 10 horas e as 12.30 horas. As 13 horas almoçava-se, das 14 às 15 horas descansava e às 15 horas tinha lugar a reunião espiritual composta de cânticos e histórias bíblicas para as crianças.

Os momentos de trabalhos manuais realizados entre as 15 e as 16 horas eram recebidos com alvoroço e entusiasmo.

Até à hora do jantar organizavam-se jogos no areal e à noite a fogueira com jogos ou cânticos.

Dentre as muitas recreações organizadas podemos salientar uma que pela sua complexidade e certa competitividade entusiasma a petizada. Este pequeno «Ralie» compunha-se de várias provas onde as crianças tinham de pôr em evidência não só as suas capacidades físicas como mentais e dentro destas uma exploração na sua imaginação, atenção e raciocínio.

Assim decorreram os 10 dias dentro duma rotina sempre renovada, pois que dia a dia havia a preocupação de facilitar recreações e experiências novas de molde a trazer sempre as crianças entusiasmadas.

Estes 10 dias foram por certo uma experiência benéfica e uma semente germinará nos pequeni-



Costa de Lavos — Participantes no Acampamento dos Tições na praia.

nos corações arreigando-os mais a Jesus depois de uma singela experiência com Ele nestes dias.

Marília de Almeida

ACAMPAMENTO DOS DESBRAVADORES E SENIORES

Chegou ao fim mais um Acampamento MV, o de 1974. Do que ele foi será o menos importante. Do que deveria ser para a vida de cada jovem participante, da influência que deveria ter exercido sobre a vida da igreja por intermédio dessa mais de centena e meia de jovens que aí estiveram vivendo durante dez dias, gostaríamos que o futuro falasse apenas boas novas com as quais todos nos alegrássemos.

É evidente que nem tudo decorreu como todos desejaríamos. Porém, para todos quantos quiseram houve elementos positivos que poderão ser auxílio real para a formação de caracteres nobres e cristãos.

Como habitualmente, o Acampamento decorreu sob a direcção do Pastor António Baião que foi secundado pelo Pastor Fernando Mendes, como seu adjunto e administrador, pelo signatário, encarregado da parte espiritual, pelo Pastor Valter Miguel, que dirigiu as actividades recreativas e pela irmã Maria Augusta Pires, que tomou a seu cargo o trabalho de preceptora das meninas.

A par das actividades recreativas em que os serões foram passados cantando, jogando, rindo, tentando dominar algumas vezes a exuberância excessiva



Acampamento de Desbravadores — Coro improvisado

de alguns, houve também actividades de natureza desportiva e de índole espiritual.

Cada dia, às três da tarde, havia a reunião espiritual em que eram debatidos assuntos sobre os quais a juventude tem de fazer opções, perante si próprio como indivíduo e também como Cristão Adventista, numa sociedade em constante agitação espiritual, social, política e económica. Assim, tendo como tema geral «A Juventude Adventista de 1974...» foram abordados assuntos sobre os quais há que marcar posição definida.

Começando por responder a uma série de perguntas postas, abarcando vários temas, os mais diversos, os jovens iniciaram a

consideração dos diversos assuntos, alguns debatidos com bastante entusiasmo, o que permitiu, particularmente num deles, contactar o interesse real que alguns jovens têm no progresso das sociedades MV a que pertencem e, em última análise, da juventude adventista em Portugal.

Os assuntos considerados foram os seguintes: a posição da juventude actual perante a Bíblia, o Espírito de Profecia, as autoridades, a política, a ciência, o desporto, o amor, a arte e a vida cristã.

Nalguns destes assuntos tivemos a colaboração do Dr. David Esteves que, com os seus conhecimentos médicos, nos deu ajuda preciosa.

Na última reunião, os jovens presentes, reconsagraram a sua vida a Deus no desejo de se tornarem uma bênção junto das suas famílias, igrejas e colegas. Que o Senhor abençoe esse gesto de entrega total para Sua honra e glória! Pena foi que alguns jovens se alheassem, não compreendendo a importância desses momentos e, consequentemente, não aproveitassem dessa oportunidade.

As actividades das Classes Progressivas, este ano, tiveram características especiais: características de renovação. Assim, embora tenha havido actividades, nomeadamente, de novo com a colaboração do Dr. David Esteves e da nossa enfermeira, a irmã Célia, ministrando ensinamentos básicos de primeiros socorros, procurou-se antes que os jovens façam, de futuro, a sua preparação real nas próprias igrejas e não apenas no acampamento.



Costa de Lavos — Participantes no Acampamento de Desbravadores e Seniores



O coro do Acampamento dirigido pelo Pastor Walter Miquel

Tivemos no Sábado a visita do Pastor Ernesto Ferreira que nos dirigiu a palavra no culto da manhã, chamando a atenção da juventude para a sua missão neste mundo, como possuidores de uma missão definida que é chamada a cumprir. Missão essa que se encontra consubstanciada na tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14.

Da parte da tarde, ainda com a colaboração do Ir. Ferreira, alguns jovens testemunharam do seu desejo de entregarem a sua vida para a obra do Senhor. E depois tivemos a alegria de ver as águas baptismas sepultarem alguns jovens, selando a sua entrega através desse acto, enquanto outros, nesse momento, decidiram dar esse mesmo passo em breve.

Como já é hábito, o acampamento recebeu nesse dia a visita de membros de várias igrejas. Numa avaliação muito aproximada, estiveram presentes mais de 500 pessoas.

Estes são alguns apontamentos breves do que foi o acampamento MV de 1974. Não foi difícil dar-vos estas imagens, necessariamente rápidas e incompletas. Mas dizer-vos o que gostaríamos que tivesse sido, creio ser um pouco mais complexo. E isso, porque nem todos os jovens vêm ao acampamento com o mesmo objectivo. Para uns foi desejo de aumentar a sua comunhão com Deus. Enquanto para outros foi apenas o desejo de não fazer nada. Ora, o que é necessário, para que o acampamento tenha alguma finalidade, é que cada um venha disposto a trazer algo; algo de positivo, de interesse, vivendo a

vida comunitária com respeito próprio e com respeito pelos outros; vivendo disciplinadamente, lembrando-se de que a liberdade é algo valioso em demasia, para ser estragado com aquilo a que erradamente se dá esse nome — o egoísmo.

Chegou ao fim o Acampamento MV de 1974. Que cada participante, agora, na calma da sua igreja e principalmente dentro de si mesmo, pense maduramente na sua participação pessoal neste acampamento. Faça um verdadeiro balanço do que pessoalmente fez, para bem ou para mal. E que, depois, não pense em abster-se do Acampamento de 1975; antes vá, participe, mas em espírito construtivo,

em espírito de colaboração activa e efectiva, em liberdade real, verdadeira, não de palavras, mas de acções nobres e engrandecedoras do nome e da honra do nosso bom Pai Celeste.

Sejamos gratos pelas oportunidades que temos e não as desperdicemos em movimentos inúteis e tristes. Façamos cada um de nós, todos nós, dos acampamentos aquilo que eles devem ser. Tragamos para eles o que queremos que eles nos dêem: Participação, Formação, Crescimento Cristão, Consagração. Assim, eles serão um êxito e nós seremos abençoados.

Pois bem, com este espírito, que visa desde já o Acampamento M. V. de 1975!

Eduardo Graça

Congresso Internacional de La Coruña

De 4 a 8 deste mês de Setembro realizou-se em La Coruña o Congresso internacional da Juventude Adventista da União Sul-Europeia.

Estiveram presentes cerca de mil participantes de Portugal, Espanha, Itália, Israel e Cabo Verde.

Oportunas mensagens foram apresentadas por dirigentes de experiência, tais como John Hancock, e Nino Bulziz, secretários do Departamento dos Jovens, respectivamente, da Conferência Geral e da Divisão Euro-Africana, e Samuel F. Monnier, presidente da nossa União.

Muitos jovens se dedicaram ao Senhor e um bom número deles foram baptizados.

Ler notícias pormenorizadas no próximo número da nossa Revista.



Grupo de Espinho cantando

O Dom de Línguas ...

(Cont. da pág. 5)

mens e dos anjos», o meu culto não seria melhor que os ritos pagãos em que os idólatras se excitam ao som dos címbalos e dos tambores. Só o amor dá um carácter cristão aos diversos dons e os torna distintos do misticismo e entusiasmo pagãos. Os dons espirituais encontram o seu cumprimento no amor, porque então eles se aplicam à edificação da igreja. Sem amor, os dons não servem senão para uso egoísta: para leviandade, ensoberbecimento, busca do interesse próprio.

Ao exaltar as virtudes do amor, Paulo não se esquece de também apontar as muitas fraquezas dos «inspirados», acentuando que essas falhas não se encontram no amor. Finalmente, concluindo o seu estudo sobre o amor, Paulo diz aos coríntios: «Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá», dando-lhes assim outra razão para procurar os únicos dons que permanecem, a fé, a esperança e o amor. «Porém o maior destes é o amor» Esse é o dom por excelência, aquele que se deve buscar!

Depois destas palavras, Paulo está pronto para tratar o problema de falar em línguas como se praticava na igreja de Corinto e compará-lo com o dom de línguas tal como devia ser praticado para a realização do objectivo em vista do qual Deus estabeleceu esse dom.

Neste artigo, o autor menciona que actualmente reside no Porto. Com efeito, ali passara a residir desde 1911, data da vinda de Paul Meyer para Lisboa.

Depois de um frutuoso trabalho em Portugal, a família Rentfro partiu para o Brasil em Abril de 1917.

Ali foi presidente da Missão Mineira e depois da Pernambucana. Também ensinou Bíblia e História no Colégio Adventista de S. Paulo.

Finalmente, em 1924, por motivos de saúde e para que os filhos pudessem continuar os seus estudos superiores, a família regressou aos Estados Unidos.

Aqui serviu o Ir. Rentfro como pastor e director distrital nos estados de South Dakota e de Michigan, até à sua aposentação em 1938.

Este valoroso pioneiro veio a falecer em 3 de Setembro de 1951, em Covina, Califórnia.

Sua esposa descansou em 26 de Abril de 1972, também em Covina.

Vivem ainda seus filhos Charles A. Rentfro, de Rosemead, Califórnia, e Marian Rentfro, de Baldwin Park, Califórnia.

A Igreja Adventista em Portugal deseja por este meio testemunhar a sua gratidão pelos trabalhos e exemplo do Pastor C. E. Rentfro e de sua dedicada família.

C. E. Rentfro — o Pioneiro

(Cont. da pág. 11)

e o seu ensino perante o público. Primeiro em Lisboa, e ultimamente no Porto, ensina o regime vegetariano, que segue desde há 18 anos. A sua esposa segue o mesmo desde há 22 anos, e naturalmente os quatro filhos nascidos nunca provaram as carnes de animais. Na rua Firmeza, 158, da cidade do Porto, existe um pequeno núcleo de defensores das abstinência total das bebidas alcoólicas, do tabaco e da carne de porco; também há vegetarianos. Portanto, acham-se prontos a apoiar todo o movimento em favor da saúde e do bem da humanidade. Que haja longa vida à Sociedade Vegetariana que faz uma obra útil pelo povo português.»

Moçambique

(Cont. da pág. 12)

Dizia o Pastor C. L. Powers, presidente da divisão euro-africana, numa carta do seminário adventista de Nanga-Eboko, Camarões, «talvez possais cogitar se é necessário que a Igreja invista dinheiro em escolas com a finalidade de treinar obreiros em terras distantes. Essa pergunta foi respondida pelo Salvador quando deu a comissão evangélica: «Ide e ensinai todas as nações». Esta é verdadeiramente uma obra gigantesca. Mas é plano de Deus e estamos certos que por meio do Seu poder será levado a cabo.» — *Revista Adventista*, Agosto de 1971.

Moçambique, fica pois de mãos abertas, coração amplo de agradecimento pelo muito que vos ficaremos devendo. Bem-hajam os que bondosamente se lembrem deste campo, agora na encruzilhada de novos destinos mas não menos promissores. Que nosso bom povo, ofereça uma vez mais, o complemento de uma bondade estendida e praticada no sentido mais útil à sobrevivência da Igreja nesta parcela do mundo.



Breves Notícias da Divisão Euro-Africana

★ O Dr. Lackner, médico chefe de La Lignière, Gland; H. Herzog, dentista leigo; e H. Selinger, secretário do departamento de saúde na Associação da Suíça Alemã, dirigiram em conjunto um Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar em Olten, próximo de Berna, na Suíça. O interesse foi tão grande que, em vez das cem pessoas que se esperava, apareceram mais do dobro e houve que recorrer à última hora a um salão maior.

★ S. L. Folkenberg está a dirigir uma série especial de reuniões subordinadas ao tema *Vida Melhor* na igreja de Berna. Trata-se de um projecto piloto destinado a despertar entre os nossos membros um interesse mais profundo pela nossa importante mensagem sobre a saúde.

★ Alfred Richli, actual pastor da igreja de Lausana, aceitou o convite para ser director do Home Study Institute (Secção europeia), sucedendo a Paul Steiner que foi chamado para o Colégio de Newbold a fim de se ocupar do Centro Europeu de investigação sobre os escritos de E. G. White.

O pastor Richli, que possui uma licenciatura em religião pela Universidade de Andrews, fala fluentemente três línguas, foi professor do Seminário de Collonges e também director da nossa escola missionária de Phoenix, nas Ilhas Maurícias.

★ Os novos cursos oferecidos pelo Home Study Institute são:

1 — em francês, História da Denominação, O Santuário, Introdução à Psicologia;

2 — em alemão, História da Denominação, O Santuário, Dietética, Anciãos de Igreja. Todos os cursos, com excepção dos dois últimos, dão direito a «crédito» para estudos denominacionais regulares.

★ O curso por correspondência sobre a Ciência e a Bíblia, do Dr. Coffin, tornou-se tão popular que a primeira edição do manual encontra-se já esgotada.

★ Desde o início da actividade do Home Study Institute na Europa há pouco mais de dois anos, um total de 203 estudantes seguiram cursos em francês e 57 em alemão, das diversas matérias de ensino. Há um extraordinário interesse da parte dos estudantes universitários adventistas e alguns deles já tiraram três e até quatro cursos diferentes.

★ E. Amelung, regressando duma visita a Angola, relata que o alvo de 5000 baptis-mos que aquela União tinha para 1973 foi tão entusiasticamente ultrapassado que o novo objectivo para 1974 é de 6000 almas. A maioria dos novos crentes é proveniente da comunidade africana, porém uns 6 % das conversões são de europeus.

★ O Hospital Adventista do Bongo, no centro de Angola, continua a ser pólo de atracção para doentes de todas as classes e nacionalidades. Com os dois novos médicos do Brasil agora activamente ao trabalho, fazem-se em média 13 a 15 operações por dia. Há também duas enfermeiras voluntárias a trabalhar e todos os doentes recebem ajuda espiritual ao mesmo tempo que os cuidados físicos.

Trinta estudantes de teologia, entre os quais duas jovens, terminaram o seu curso do Seminário de Collonges, em Junho. Catorze receberam o diploma de evangelistas, 7 de obreiros bíblicos e 2 de evangelistas ajudantes.

Ao mesmo tempo seis estudantes concluíram o seu curso de professores, quatro completaram o curso comercial e 35 estudantes estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, obtiveram certificados de eficiência na língua francesa.

Os países representados na cerimónia da entrega dos diplomas ao grupo de 40 finalistas foram, por ordem de número, França, Itália, Bélgica, Espanha, Portugal, Guadalupe, Haiti, tendo apenas um representante os países Austria, Suíça, Martinica, Maurícias, Ruanda e Tahiti.